

## O TRADUTOR BENVENISTE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE “LA TRADUCTION, LA LANGUE ET L’INTELLIGENCE”

### BENVENISTE, THE TRANSLATOR: A REFLECTION ON “LA TRADUCTION, LA LANGUE ET L’INTELLIGENCE”

Sara Luiza Hoff

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS, Brasil

Valdir do Nascimento Flores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS, Brasil

*Resumo:* Este artigo discorre sobre a relação de Émile Benveniste com a tradução, tanto enquanto objeto teórico quanto como prática. Para isso, primeiramente, apresentamos e avaliamos o manuscrito inédito “La traduction, la langue et l’intelligence”, publicado em 2016, em que a tradução tem papel de destaque. Em seguida, consideramos as escolhas feitas por Benveniste em uma tradução de um trecho de *Moby Dick* no texto “L’eau virile”, de 1945. Demonstramos, assim, a função de operador desempenhado pelo fenômeno tradutório na reflexão sobre a linguagem de Benveniste.

*Palavras-chave:* Benveniste; tradução; valor de designação; linguagem.

*Abstract:* This article discusses Émile Benveniste’s relationship with translation, both as a theoretical object and as a practice. In order to do that, initially, we present and assess the manuscript “La traduction, la langue et l’intelligence”, first published in 2016, in which translation plays a prominent role. Subsequently, we consider the choices made by Benveniste in a translation of an excerpt of *Moby Dick* in the text “L’eau virile”, from 1945. Thereby, we demonstrate the role as operator that the translation phenomenon takes within Benveniste’s reflection on language.

*Keywords:* Benveniste; translation; value of designation; language.

## Introdução<sup>1</sup>

Em seu livro *Quase a mesma coisa – Experiências de tradução*, Umberto Eco (2011) propõe que a elaboração de uma teoria da tradução deveria ter como condição necessária a experiência de controlar traduções de terceiros, de traduzir e/ou de ter sido traduzido. Desse ponto de vista, Benveniste estaria autorizado a ser um teórico do ramo, posto que a análise de sua obra torna evidente que muitas de suas teorizações sobre a linguagem surgem quando ele coloca línguas em contato, traduzindo-as (cf. HOFF, 2018).

Entretanto, ao considerar a obra publicada de Benveniste, não é possível afirmar que ele foi um teórico da tradução, ao menos não se entendermos que um teórico deve ter escrito diretamente sobre o assunto, dedicado textos exclusivamente ao tema, enfim, elaborado o que se chama uma “teoria” sobre a questão tradutória. Embora a prática tradutória seja uma presença constante em seus artigos e livros, o assunto não parece ter sido abordado com frequência de um ponto de vista teórico, salvo algumas menções, como um parágrafo no final de “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 233) e a inclusão de textos traduzidos como formas de testemunhar a função e relevância do aoristo no sistema verbal francês (BENVENISTE, 1995).

Em 2016, entretanto, houve uma mudança nesse cenário com a publicação do livro *Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture*, organizado por Irène Fenoglio. Nele, consta um manuscrito inédito do linguista em que a tradução é um tema de reflexão e tem papel de destaque, como o título já indica: “La traduction, la langue et l'intelligence” [A tradução, a língua e a inteligência].

Considerando essa nossa configuração do que conhecemos sobre Benveniste, este artigo tem, de um lado, o objetivo de apresentar esse manuscrito ao público brasileiro de linguistas (cf. seção 1) e, de outro lado, o de avaliar seu conteúdo para, então, identificar as linhas de reflexão que Benveniste nele desenvolve, articulando-as à parte da teorização do autor desenvolvida em alguns outros trabalhos (cf. seção 2). Finalmente, buscamos contrapor o que é dito sobre tradução no manuscrito a um exemplo da prática tradutória de Benveniste, disponibilizado no texto “L'eau virile” (cf. seção 3), em que ele traduz um trecho de *Moby Dick*, do escritor norte-

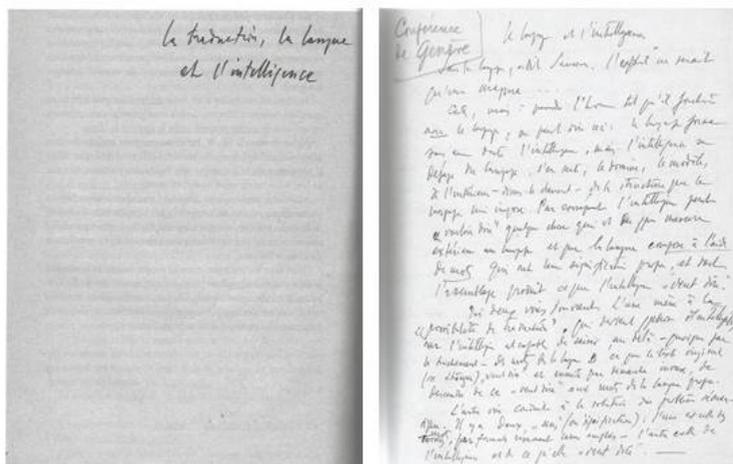
<sup>1</sup>O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup>Doravante também referido como “A forma e o sentido”.

americano Herman Melville (1819-1891). Esperamos, com este trabalho, enfim, lançar algumas bases de uma interpretação mais geral que temos, segundo a qual a tradução comparece na obra benvenistiana – do linguista das línguas – como um operador de sua teoria.

### “La traduction, la langue et l’intelligence”: a nota sobre tradução

Como mencionado anteriormente, o manuscrito “La traduction, la langue et l’intelligence” – aqui também referido como “nota sobre tradução” –, foi publicado em 2016, no livro *Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture*, organizado por Irène Fenoglio, tanto sob forma de transcrição digitada do conteúdo como de um fac-símile de cinco páginas escritas à mão por Benveniste (Figura 1, a seguir).



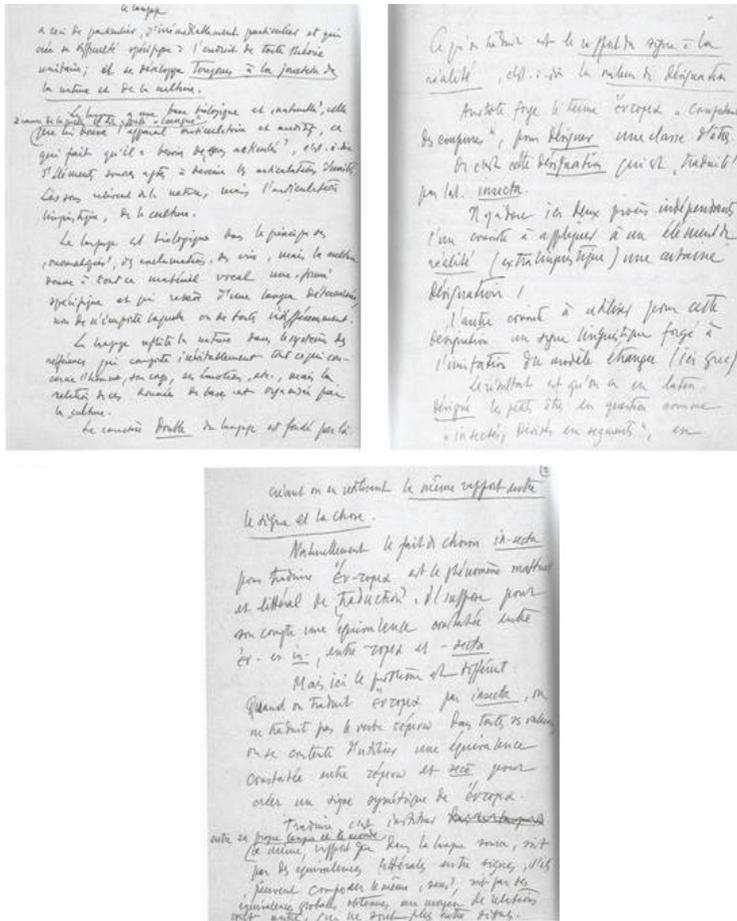


Figura 1 – Fac-símile de “La traduction, la langue et l’intelligence”

Fonte: Benveniste (2016, p. 40-44).

As informações contextuais sobre esse manuscrito são escassas. Sabemos, basicamente, que ele faz parte dos documentos armazenados no Collège de France, catalogado com o código 28 CDF 17 (que se insere na categoria “Travaux” e, mais especificamente, em “Cours et conférences”); tal código compreende, além da nota, o manuscrito “Singulier et pluriel”, também publicado em 2016, e outros cinco materiais, referentes a cursos

de gramática comparada e conferências diversas<sup>3</sup>. A data atribuída a esse conjunto de papéis é 1949-1953, embora nem todos os documentos agrupados tenham uma data específica definida (o que é o caso da nota sobre tradução) (SALAMANDRE, 2007).

Irène Fenoglio, em sua apresentação ao livro em que a nota é publicada, indica que o texto se destinava a uma conferência (não especificada) em Genebra (o que pode ser compreendido através da inscrição “Conférence de Genève [sic]”, presente no fac-símile) e destaca o caráter inacabado do manuscrito, caracterizado como “[...] muito provavelmente um pedaço de texto [...]”<sup>4</sup>, ao mesmo tempo em que enfatiza o fato de que, na nota, é possível encontrar “[...] o caráter cintilante do pensamento, aqui muito sintético, do linguista”<sup>5</sup> (FENOGLIO, 2016, p. 18, tradução nossa).

Percebemos, então, que há um certo mistério em relação a “La traduction, la langue et l’intelligence”. Ignora-se a data em que o manuscrito foi escrito e não há informações precisas sobre a sua finalidade específica. Não há registros de sua apresentação ou publicação. Além disso, trata-se de um material caracterizado pela incompletude e pela síntese. Ou seja, ao analisar o manuscrito, é fundamental levar em conta a incompletude e a embrionariedade das noções nele apresentadas. Isso, no entanto, não significa que a nota não tenha relevância teórica ou que deva ser ignorada. Pelo contrário, como Fenoglio (2019) indica, o estudo dos manuscritos se justifica porque as notas de Benveniste cumprem diferentes papéis nos seus esforços teóricos: são suportes de interrogações metodológicas e de memória, caracterizam espaços em que o linguista põe noções à prova e consistem em lugares em que o pensamento teórico se forma. Segundo ela, “nas notas, Benveniste pensa-escreve: ele cria, inova ou se documenta, abre seu ‘problema’ para o mundo e apresenta suas observações e surpresas. [...]”. Em outras palavras, nas notas, ele pensa e ruma para circunscrever seu objeto e encontrar a expressão de seus conceitos [...]” (FENOGLIO, 2019, p. 51). Há, então, no mínimo, uma semente de pensamento nos manuscritos do linguista, o que autoriza a reflexão sobre eles.

Além disso, a nota sobre tradução também é digna de estudo por

<sup>3</sup>A saber: “Cours de Grammaire comparée de Hittite : cahier de notes prises par V. [Kirehenlul ?] (1952-1953)”; “Cours de Grammaire comparée de Hittite : cahier de notes (s. d.)”; “Langue Sanglecí : cahier de notes et vocabulaire”; “Conférence à Philadelphie et Londres. ‘Vocabulaire indo-européen’ : diverses notes”; e “L’Iran et l’Afghanistan, conférences radiodiffusées : plan des interventions, programmes des émissions (1949)”.

<sup>4</sup>No original: “[...] vraisemblablement une partie de texte [...]”.

<sup>5</sup>No original: “[...] le caractère étincelant de la pensée, ici très synthétique, du linguiste.”

abordar um tema que tem pouco destaque na obra de Benveniste, como mencionado anteriormente. Apesar de ser uma prática amplamente utilizada nos mais variados artigos e obras do linguista, a tradução é um fenômeno ao qual ele raramente concede espaço como objeto em suas reflexões teóricas. Assim, a existência de uma nota em que a tradução tem lugar de destaque – aparecendo até mesmo no início do título – é ao menos intrigante, tornando-a merecedora de uma análise detalhada.

Com efeito, já o título do manuscrito é um ponto interessante a destacar. O título “La traduction, la langue et l’intelligence” figura tanto no topo da versão transcrita quanto no canto superior direito da primeira folha do fac-símile do manuscrito. Entretanto, é curioso observar a presença de um outro título – ou de um subtítulo – na segunda página do manuscrito. Este é grafado em negrito na transcrição: “Le langage et l’intelligence” [A linguagem e a inteligência]. Já podemos observar, portanto, que a nota possivelmente não trata exclusivamente da questão da tradução. Somos obrigados a constatar que a tradução está aí, no mínimo, articulada aos temas da “linguagem” e da “inteligência”, o que se revela no próprio título dado por Benveniste.

Outro aspecto importante em relação à apresentação da nota é o fato de ela aparentemente se dividir em três partes distintas. A primeira aparece na segunda página do fac-símile e compreende quatro parágrafos, além do subtítulo mencionado anteriormente; a segunda consiste em cinco parágrafos que constam na terceira página do fac-símile; e a terceira parte – que tem oito parágrafos – é a única que engloba duas páginas do manuscrito (na segunda página, aparece o número 2 no canto superior direito). Na versão transcrita da nota, a separação entre as partes é indicada por uma linha em branco.

Tal divisão não se dá somente em função do modo de apresentação do manuscrito, mas, como veremos, também devido ao conteúdo. Ao ler todo o texto do manuscrito – apresentado a seguir em versão por nós traduzida para o português em trabalho prévio (cf. HOFF, 2018)<sup>6</sup> –, essa segmentação temática é facilmente identificada:

A tradução, a língua e a inteligência

A linguagem e a inteligência

---

<sup>6</sup>O manuscrito original e a versão transcrita em francês podem ser consultados em Benveniste (2016).

Sem a linguagem, disse Saussure, o espírito seria somente um magma...

Certamente, mas para tomar o homem como ele funciona com a linguagem, podemos dizer isso: a linguagem forma sem nenhuma dúvida a inteligência, mas a inteligência emerge da linguagem, se serve dela, a domina, a modela, no interior – sejamos claros – da estrutura que a linguagem impõe a ela. Portanto, a inteligência pode “querer dizer” algo que é, de algum modo, exterior à linguagem e que a língua compõe com o auxílio de palavras que têm a sua significação própria, e cujo arranjo produz aquilo que a inteligência “quer dizer”.

Aqui duas vias se abrem. Uma leva à “possibilidade de tradução” que se torna algo inteligível porque a inteligência é capaz de apreender além – ainda que por intermédio – das palavras da língua B o que o texto original (ou seja, estrangeiro) “quer dizer” e, em seguida, pela abordagem inversa, de descer desse “quer dizer” às palavras da própria língua.

A outra via conduz à solução de um problema semântico. Há dois “sentidos” (ou significações): um é aquele das palavras, por fórmulas que sumarizam seus empregos – o outro, aquele da inteligência e do que ela “quer dizer”.

A linguagem tem isso de particular, de irremediavelmente particular e que cria a sua dificuldade específica no que diz respeito a toda teoria unitária; ela se desenvolve sempre na junção da natureza e da cultura.

A linguagem tem uma base biológica e ‘natural’, aquela por causa de que ela se chama “língua” que lhe dá o aparelho articulatório e auditivo, o que faz com que ela necessite ‘sons articulados’, ou seja, elementos sonoros aptos a se tornarem as articulações de unidades. Os sons dependem da natureza, mas a articulação linguística, da cultura.

A linguagem é biológica no princípio das ‘onomatopeias’, das exclamações, dos gritos, mas a cultura dá a todo esse material vocal uma ‘forma’ específica e que depende de uma língua determinada, não de qualquer uma ou de todas indiscriminadamente.

A linguagem reflete a natureza nos sistemas de referências que inevitavelmente inclui tudo sobre o homem, seu corpo, suas emoções etc., mas a relação desses dados de base é dinamizada pela cultura.

O caractere duplo da linguagem é fundado através disso.

O que traduzimos é a relação do signo com a realidade, ou seja, o valor de designação.

Aristóteles cunha o termo ἔντομα [éntoma] “contendo cortes”, para designar uma classe de seres.

Ora, é esta designação que é ‘traduzida’ pelo latim *insecta*.

Há, então, aqui, dois processos independentes, um consiste em aplicar a um elemento de realidade (extralinguística) uma certa designação, o outro consiste em utilizar para essa designação um signo linguístico cunhado à imitação do modelo estrangeiro (aqui grego).

O resultado é que designamos em latim os pequenos seres em questão como “insetos, divididos em segmentos”, criando ou utilizando a mesma relação entre o signo e a coisa.

Naturalmente, o fato de escolher *in-secta* para traduzir ἔν-τομα [én-toma] é o fenômeno material e literal de ‘tradução’. Ele presume, por sua conta, uma equivalência constatada entre ἔν [en] e *in*, entre τομα [toma] e *-secta*.

Mas aqui o problema é diferente: quando traduzimos ἔντομα [éntoma] por *insecta*, não traduzimos o verbo τέμνω [témnō] em todos os seus valores, nos limitamos a usar uma equivalência constatada entre τέμνω e *secō* para criar um signo simétrico de ἔντομα [éntoma].

Traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte, seja por equivalências literais entre signos, se eles podem compor o mesmo ‘sentido’, seja por equivalências globais obtidas por meio de relações completamente diferentes, não mais entre signos (BENVENISTE, 2016, p. 37-39, grifos do autor, tradução nossa).

Poderíamos, ao menos de um ponto de vista espacial, ver que há três grandes blocos na nota: o primeiro – constituído pelos quatro primeiros parágrafos da transcrição –, em que vemos uma formulação, digamos, mais geral sobre “a linguagem” articulada à “inteligência” e à “tradução”; o segundo – constituído pelos cinco parágrafos subsequentes –, em que vemos uma tomada mais específica de “linguagem” em sua relação com a “natureza” e com a “cultura”; e o terceiro – constituído pelos demais parágrafos –, em que vemos a “tradução” ser retomada em detalhe.

Tendo apresentado “La traduction, la langue et l’intelligence” em seus aspectos de manuscrito, é tempo de refletirmos um pouco sobre as palavras utilizadas por Benveniste na nota. Isso, evidentemente, exigiria, além de um movimento imanente de interpretação da nota, também um longo percurso transcendente ao conjunto da obra do linguista. A seguir, fazemos apenas algumas indicações a respeito dos termos pelos quais pensamos que essa reflexão pode ser feita.

### **Alguns elementos de leitura da nota**

A leitura de “La traduction, la langue et l’intelligence” em sua totalidade permite entrever a sua diversidade temática. Em outras palavras, talvez referenciar esse manuscrito tão somente como “nota sobre tradução” seja, de certa forma, redutor. A tradução aparece em destaque em alguns pontos, mas é uma evidência que Benveniste não se limita a esse assunto no

manuscrito.

Na primeira parte da nota, o linguista faz uma alusão inicial a Saussure que denota a importância da linguagem para os seres humanos: sem ela, “o espírito seria somente um magma” (BENVENISTE, 2016, p. 37). A partir daí, o linguista realiza o seu movimento habitual de encontro com Saussure, como apontado por Flores (2013, p. 50): “[ele] toma Saussure como ponto de partida, mas não se encerra nele”. A menção ao linguista genebrino, na verdade, é utilizada como base do seu próprio modo de pensamento, que é exposto na sequência da nota, em que Benveniste (2016, p. 37) propõe uma relação circular entre linguagem e inteligência, afirmando que “[...] a linguagem forma sem nenhuma dúvida a inteligência, mas a inteligência emerge da linguagem, se serve dela, a domina, a modela, no interior – sejamos claros – da estrutura que a linguagem impõe a ela”. Ou seja, a linguagem é essencial para a inteligência, que, por sua vez, depende da linguagem, que lhe dá forma.

Esse tema não é estranho à obra benvenistiana. O texto “Categorias de língua e categorias de pensamento” (BENVENISTE, 1995, p. 68-80), por exemplo – principalmente a discussão das páginas iniciais, em que Benveniste dá ênfase à relação solidária e mutuamente necessária entre pensamento e língua – testemunha o interesse do linguista pelo assunto. Flores (2019), em capítulo intitulado “Língua e pensamento”, recorre exatamente a esse artigo de Benveniste para defender que é possível fazer uma prospecção da teoria benvenistiana que implica a linguagem, as línguas e o pensamento. A tradução tem aí papel de base. Leia-se Benveniste:

O pensamento chinês pode muito bem haver inventado categorias tão específicas como o *tao*, o *yin* e o *yan*: nem por isso é menos capaz de assimilar os conceitos da dialética materialista ou da mecânica quântica sem que a estrutura da língua chinesa a isso se oponha. Nenhum tipo de língua pode por si mesmo e por si só favorecer ou impedir a atividade do espírito. [...]. A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade de linguagem, pois a língua é uma estrutura informada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua (BENVENISTE, 1995, p. 80, grifos do autor).

Ora, vale repetir: o mesmo chinês que inventou o *tao* compreende a dialética materialista. Isso quer dizer que, sendo a língua “uma estrutura informada de significação” em que a função simbólica da linguagem opera,

---

<sup>7</sup>Como indicado anteriormente, todas as traduções dos trechos de “La traduction, la langue et l’intelligence” citados no restante deste trabalho são de nossa autoria.

o homem, como animal simbólico que é, está sempre sob o império das línguas. Nos termos de Benveniste: pode-se expressar a dialética materialista em qualquer língua, mas é mister que se atente para o modo como isso deve ser feito em cada língua (cf. FLORES, 2019, p. 166).

Na continuação da nota, Benveniste (2016, p. 37, grifos do autor) assevera que “portanto, a inteligência pode ‘querer dizer’ algo que é, de algum modo, exterior à linguagem e que a língua compõe com o auxílio de palavras que têm a sua significação própria, e cujo arranjo produz aquilo que a inteligência ‘quer dizer’”. Nesse trecho, é importante notarmos que há uma primeira menção a um elemento exterior à linguagem, tema que será retomado posteriormente no manuscrito. Também é possível entender que há, aqui, uma alusão ao processo de produção de discurso – ou seja, ao domínio semântico –, posto que as palavras são agrupadas para transmitir algo que se quer dizer<sup>8</sup>, remetendo, então, ao intencionado mencionado em “A forma e o sentido na linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 229).

Após essa explicação inicial, Benveniste encerra a primeira parte da nota vislumbrando dois caminhos possíveis: o primeiro é o da possibilidade de tradução e se relaciona à compreensão da mensagem do texto original por intermédio das unidades da língua-alvo ou do percurso inverso, que parte do que o texto quer dizer e leva às palavras da língua-fonte; o segundo indica o problema semântico da existência de dois sentidos/duas significações: “[...] um é aquele das palavras, por fórmulas que sumarizam seus empregos – o outro, aquele da inteligência e do que ela ‘quer dizer’” (BENVENISTE, 2016, p. 38). Entretanto, o linguista não se detém mais nessa questão, deixando em aberto em que contextos ou de que maneira seria possível conceber essas duas significações.

Naturalmente, ao ouvir falar em dois sentidos, porém, somos conduzidos ao semiótico e semântico de “A forma e o sentido”. Isso, no entanto, leva a uma dificuldade: no segundo volume de *Problemas de linguística geral*, Benveniste (2006, p. 227-231) fala no sentido dos signos no domínio semiótico e no sentido da frase (cuja unidade é a palavra), no semântico; na nota, por sua vez, os dois sentidos dizem respeito, respectivamente, à palavra e ao “querer dizer” da inteligência (que, como

---

<sup>8</sup>Um ponto importante a considerar – que provavelmente corrobora essa interpretação – é que as diversas menções de “*vouloir dire*” e “*veut dire*” nessa parte da nota aparecem entre aspas, o que talvez possa indicar o desejo de atenuar o sentido da expressão, ou seja, “querer dizer” não remetaria a uma intenção deliberada de comunicar algo específico, de transmitir um determinado conteúdo, mas mais ao simples fato de produzir um enunciado, ou seja, ao intencionado.

visto acima, pode ser associado ao intencionado). Assim, por um lado, os dois sentidos mencionados na nota, na superfície, diriam respeito ao semântico de “A forma e o sentido”. Por outro lado, no entanto, há uma outra interpretação plausível: trata-se de entrever uma equivalência entre o signo de “A forma e o sentido” e as palavras da nota justamente devido à glosa que acompanha estas últimas, que menciona “[...] fórmulas que sumarizam seus empregos [...]” (BENVENISTE, 2016, p. 38). Nesse caso, é essencial considerarmos que o domínio semiótico – que corresponde, grosso modo, ao sistema da língua – **não implica a eliminação do uso** – portanto, do emprego – da língua, já que é aquilo que é utilizado pelos falantes que acaba sendo incorporado ao sistema linguístico.

A segunda parte do manuscrito, por sua vez, inicia mencionando a especificidade da linguagem: “[...] ela se desenvolve sempre na junção da natureza e da cultura” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifo do autor). A partir daí, Benveniste (2016, p. 38) detalha as bases da linguagem: “uma base biológica e ‘natural’, [...] o que faz com que ela necessite ‘sons articulados’, ou seja, elementos sonoros aptos a se tornarem as articulações de unidades. Os sons dependem da natureza, mas a articulação linguística, da cultura”.

Na sequência, esse trecho é detalhado. O linguista relaciona o aspecto biológico da linguagem às onomatopeias, às exclamações e aos gritos, enquanto a cultura é responsável por dar “[...] a todo esse material vocal uma ‘forma’ específica e que depende de uma língua determinada, não de qualquer uma ou de todas indiscriminadamente” (BENVENISTE, 2016, p. 38). No parágrafo seguinte, observamos um movimento semelhante: nele, Benveniste considera que tudo que se relaciona aos seres humanos – corpo, emoções etc. – integra um sistema de referências que é refletido na linguagem. Porém, é a cultura que dinamiza as relações entre esses elementos. Mais uma vez, então, podemos perceber que o aspecto biológico forma a base sobre a qual a cultura age, tornando as relações significativas.

Essa segunda parte da nota se encerra com um parágrafo que consiste em uma única frase: “O caractere duplo da linguagem é fundado através disso” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifo do autor). O natural e o cultural, portanto, são duas partes igualmente necessárias e determinantes da linguagem.

A noção de caráter duplo da linguagem não é inédita no pensamento benvenistiano. Ela aparece, por exemplo, em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, em que Benveniste (1995, p. 30) afirma que a linguagem é uma “[...] entidade de dupla face”, um fato físico e uma

estrutura imaterial, e também em “A forma e o sentido”, em que o duplo aspecto inerente à linguagem é explicado por termos bem semelhantes aos da nota: a língua tem “[...] o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido” (BENVENISTE, 2006, p. 224).

Por fim, a terceira parte da nota marca um retorno à questão da tradução. Ela se inicia com uma declaração bastante direta: “O que traduzimos é a relação do signo com a realidade, ou seja, o valor de designação” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifos do autor). Nessa perspectiva, portanto, o tradutor deve concentrar seus esforços para determinar o valor de designação, que tem a ver com a relação entre a língua e o “mundo”, na língua-fonte.

Benveniste dedica praticamente todo o restante da nota para exemplificar esse ponto a partir da análise da tradução do termo grego “ἔντομα”, que Aristóteles teria escolhido “[...] para designar uma classe de seres” (BENVENISTE, 2016, p. 38, grifo do autor). Para o linguista (2016, p. 39, grifo do autor), essa designação, por sua vez, “[...] é ‘traduzida’ pelo latim *insecta*”. É importante observarmos, aqui, que o que se traduz não é a palavra ou o termo isolados, mas sim o valor de designação, que está contido na designação<sup>9</sup>.

Na continuação do texto, o autor dissecar os dois processos – independentes – que resultam na tradução citada nos parágrafos precedentes. O primeiro é a prescrição de uma determinada designação a um dado elemento da realidade (uma “coisa”), na língua-fonte (no caso, o grego). É importante notar que esse processo ocorre somente em uma língua, e diz respeito à tradução da relação com a realidade extralinguística na língua-fonte. O segundo processo, por sua vez, é a utilização, “[...] para essa designação[, de] um signo linguístico cunhado à imitação do modelo estrangeiro [...]” (BENVENISTE, 2016, p. 39). Trata-se, portanto, do próprio processo tradutório interlinguístico, da transposição entre línguas. A combinação dos dois processos resulta no fato de que os mesmos seres são designados em latim (a língua do texto traduzido) como *insecta*, “insetos”, “[...] criando ou utilizando a mesma relação entre o signo e a coisa” da língua-fonte (BENVENISTE, 2016, p. 39, grifo do autor). Ou seja, a escolha de um novo termo na língua-alvo, por meio da tradução, permite

<sup>9</sup>“Designação”, aqui, parece referir-se ao termo utilizado para nomear ou denominar algo. O uso de “designação” por Benveniste, nesse sentido, é um dos valores identificados por Barboza (2018) em sua tese de doutorado, que busca identificar o papel desempenhado pelo par designação-significação na obra de Émile Benveniste.

replicar o mesmo valor de designação da língua-fonte nessa língua.

Em seguida, Benveniste parte para uma discussão em torno da ideia de equivalência, afirmando que “[...] o fato de escolher *in-secta* para traduzir ἔν-τομα [én-toma] é o fenômeno material e literal de ‘tradução’. Ele presume, por sua conta, uma equivalência constatada entre ἔν [*en*] e *in*, entre τομα [*toma*] e *-secta*” (BENVENISTE, 2016, p. 39, grifos do autor). Portanto, observamos que a equivalência não é suposta somente entre os próprios termos e entre os termos e a realidade, mas também entre as partes que compõem os termos.

No parágrafo seguinte, porém, o linguista afirma que o problema, quando se trata da equivalência entre as partes de um termo, é diferente, já que, ao traduzirmos o termo inteiro, não traduzimos cada uma de suas partes em todos os seus valores, mas “[...] nos limitamos a usar uma equivalência constatada [...]” entre as partes “[...] para criar um signo simétrico [...]” (BENVENISTE, 2016, p. 39). O exemplo utilizado para ilustrar esse ponto é novamente o caso de ἔντομα. Para Benveniste, o verbo τέμνω [*témnō*] (cortar, em português) não é traduzido em todos os seus valores quando ἔντομα é transposto para o latim *insecta*.

No fim da nota, o autor apresenta uma definição de tradução:

Traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte, seja por equivalências literais entre signos, se eles podem compor o mesmo ‘sentido’, seja por equivalências globais obtidas por meio de relações completamente diferentes, não mais entre signos (BENVENISTE, 2016, p. 39).

Nessa passagem, novamente, o inacabamento da nota implica dificuldades na interpretação do conteúdo. A princípio, é fácil compreender o que Benveniste entende por tradução, já que ele retoma o que havia afirmado previamente: traduz-se, na língua-alvo, a relação entre o signo e a realidade da língua-fonte. Essa mesma relação entre signo e realidade pode ser estabelecida através de dois procedimentos: as equivalências literais ou as equivalências globais. Subentendemos que a diferença entre os dois tipos de equivalência tem relação com a unidade: as primeiras ocorrem entre os signos, as segundas, com algo que não é signo; no entanto, não se especifica o que esse “algo” é. Portanto, a falta de detalhamento na explicação somente leva a incertezas.

É importante relembrarmos, neste ponto, o ineditismo e o

inacabamento de “La traduction, la langue et l’intelligence”. Até onde sabemos, o apanhado de anotações nunca resultou em uma publicação ou comunicação. Ou seja, ao considerar o processo habitual de escrita de Benveniste, descrito por Fenoglio (2019, p. 119-120) – que se inicia com notas manuscritas diversas, convertidas em um rascunho manuscrito com páginas numeradas que, depois, é passado a limpo, ainda escrito à mão, e finalmente datilografado e transformado em conjunto de provas antes de se transformar em um texto impresso –, percebemos que a nota sobre tradução não corresponde senão à primeira etapa do processo. Portanto, não é possível atribuir a esse manuscrito qualquer valor de completude e de conclusão. Desse modo, ao invés de entender o parágrafo final do manuscrito como um fechamento, cria-se a possibilidade de tomá-lo como uma abertura, como a proposição de uma questão que ainda careceria de desenvolvimento. Nesse caso, as equivalências literais poderiam corresponder ao que Benveniste discutiu previamente na terceira parte da nota, ou seja, elas dizem respeito a uma determinada designação (isto é, um termo específico que nomeia um determinado objeto extralinguístico) que é transposta para uma outra designação, em uma língua diferente, buscando reestabelecer um valor de designação semelhante ao da língua original. As equivalências globais, por sua vez, que envolvem outras relações não especificadas, provavelmente, seriam explicadas pelo linguista na continuação do material, ou seja, é impossível saber a que ele se referia. Só é possível formular hipóteses: talvez as equivalências formais correspondam ao que Benveniste (2006, p. 233) propõe em “A forma e o sentido” quando diz que a possibilidade de tradução equivale à transposição do “[...] semantismo<sup>10</sup> de uma língua para outra [...]”, por exemplo.

Ao chegar ao fim da nota, torna-se possível confirmar que cada uma de suas partes se dedica a uma temática diferente. O primeiro trecho aborda essencialmente a relação entre a linguagem e o pensamento, discorrendo sobre o que a inteligência “quer dizer”, sobre a possibilidade de traduzir esse “querer dizer” e sobre o problema semântico da existência de duas significações distintas (das palavras e da inteligência). Já a segunda parte discute o caractere duplo da linguagem, que tem uma face biológica/natural e uma face cultural, sem nem ao mesmo mencionar a tradução. O terceiro

---

<sup>10</sup>Aqui, chama a atenção o uso de “semantismo” ao invés de “semântico” – que aparece no restante do texto “A forma e o sentido”. Entendemos que essa mudança terminológica não é accidental. Uma explicação possível para a sua realização passa pela ideia de que não é o próprio domínio semântico que é traduzido, mas sim um determinado estado do semântico, isto é, uma instância particular de apropriação da língua, de produção de discurso (cf. HOFF, 2018).

fragmento, por sua vez, centra-se na questão do valor da designação, que diz respeito à relação do signo com a realidade; é isso que efetivamente deve ser considerado no processo tradutório, como demonstrado no exemplo fornecido por Benveniste nessa parte do manuscrito.

Vemos, então, que Benveniste desenvolve três linhas de reflexão distintas em “La traduction, la langue et l’intelligence”: a relação entre linguagem e pensamento, a relação entre as duas bases – natural e cultural – da linguagem e a relação entre a língua e a realidade. Trata-se, então, essencialmente, de uma discussão sobre a natureza da linguagem, em que o fenômeno tradutório, ao invés de ser o objeto principal da teorização, constitui o meio de refletir e de demonstrar certos aspectos da natureza da linguagem.

### 3 Benveniste, tradutor de Melville

Em um texto em que se dedica a analisar o lugar e o papel de textos literários nas teorizações de Ferdinand de Saussure e de Émile Benveniste, intitulado “Saussure, Benveniste et la littérature”, Daniel Delas (2005) se dedica a pensar a relação da linguística saussuriana e benvenistiana e a literatura. Entre os pontos por ele analisado, está o artigo “L’eau virile” [A água viril], de Benveniste.

O texto “L’eau virile” foi republicado recentemente, em 2015, em *Langues, cultures, religions*, uma coletânea de artigos de Benveniste organizada por Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault. Porém, a sua publicação original data de 1945, em um volume único de uma revista organizada por Jacques Kober e Jacques Gardies, intitulada *Pierre à feu - Provence noire*. Tal revista reúne 28 textos de vários estudiosos, como D.H. Lawrence, Raymond Queneau e Gaston Bachelard, além de apresentar 50 litografias de André Marchand. Os textos tratam de assuntos diversos: a Provence, a Grécia, os mitos, o mar, o Mediterrâneo, a África e a guerra estão entre os temas abordados pelos autores, conforme Bader (1999). O ponto em comum, ainda segundo Bader (1999, p. 11, tradução nossa), é que todos “os textos estão em conformidade com a vida do autor [...]”<sup>11</sup>. Para a autora, “[...] em *L’eau virile*, utilizando [...] uma codificação literária, E. Benveniste registra uma parte de autobiografia: as circunstâncias (seu exílio) levam, de

---

<sup>11</sup>No original: “Les textes sont conformes à la vie de l’auteur de l’exergue [...]”

sua parte, a uma anamnese que o faz retornar a sua infância<sup>12</sup>” (BADER, 1999, p. 12, grifo da autora, tradução nossa).

No entanto, o objeto manifesto do texto é, como o título evidencia, a água. Benveniste se dedica a analisar as diferentes figurações e o imaginário poético em torno do tema, embora não se limite a isso, já que, segundo Laplantine e Pinault (2015, p. XVII, tradução nossa), “ao constituir uma reflexão sobre o vocabulário da água e do mar, ele vai além do quadro comparativo e histórico para se situar no cruzamento da poética, da fenomenologia e da antropologia<sup>13</sup>”.

Um dos pontos a que Delas (2005) chama a atenção, em uma nota de rodapé de seu artigo, é o fato de Benveniste, em “L'eau virile”, de um lado, conservar a tradução da editora Gallimard de *Moby Dick* na primeira citação que faz ao texto de Melville e, de outro lado, modificar a tradução do segundo trecho da obra por ele citado. Explica Delas (2005, p. 71, tradução nossa): “[...] Benveniste não está satisfeito com a tradução feita em 1941 por Lucien Jacques, Joan Smith e Jean Giono, tradução que, no entanto, ele havia utilizado para a primeira citação de Melville<sup>14</sup>”.

Delas, além disso, fornece os excertos da tradução da Gallimard e da tradução de Benveniste, que apresentamos no Quadro 1, a seguir, juntamente com o trecho do texto original em inglês e de uma tradução em português brasileiro.

Original em inglês	Tradução em português - Cosac Naify	Tradução em francês - Gallimard	Tradução em francês – Benveniste
It was a clear steel-blue day.	O dia era claro, azul de aço.	C'était une claire journée d'un bleu d'acier.	C'était un jour clair, d'un bleu d'acier.

<sup>12</sup>No original: “Je vais essayer de montrer que dans *L'eau virile*, utilisant, comme P. Chantraine – l'un des cinq amis de Benveniste qui ont contribué aux *Entremes...* Benveniste – un codage littéraire, E. Benveniste inscrit une part d'autobiographie: les circonstances (son exil) entraînent de sa part une anamnèse qui le fait remonter jusqu'à son enfance.”

<sup>13</sup>No original: “Tout en constituant une réflexion sur le vocabulaire de l'eau et de la mer, il dépasse le cadre comparatif et historique pour se situer au carrefour de la poétique, de la phénoménologie et de l'anthropologie”.

<sup>14</sup>No original: “[...] Benveniste ne se satisfait pas de la traduction donnée en 1941 par Lucien Jacques, Joan Smith et Jean Giono, traduction qu'il avait pourtant utilisée pour la première citation de Melville.”

Original em inglês	Tradução em português - Cosac Naify	Tradução em francês - Gallimard	Tradução em francês – Benveniste
The firmaments of air and sea were hardly separable in that all-pervading azure;	Ar e mar, os firmamentos mal se podiam distinguir em meio ao tom cerúleo,	Les espaces de l’air et de la mer étaient tout pénétrés d’azur.	L’air et la mer, ces deux firmaments, se séparaient à peine, dans cet azur qui s’étendait partout.
only, the pensive air was transparently pure and soft, with a woman’s look, and the robust and man-like with long, strong, lingering swells, as Samson’s chest in his sleep.	que tudo impregnava; apenas a brisa, meditativa, era transparentemente pura e suave, como um semblante de mulher, enquanto o oceano viril, masculino, se erguia em longas ondulações, largas e lentas, como o peito de Sansão durante o sono.	Mais le ciel, doucement clair et pur avait quelque chose de féminin, tandis que la mer robuste était un mâle dont la poitrine se soulevait en de puissants et lents halètements, comme Samson endormi.	Tout au plus l’air pensif avait-il une transparence pure et douce, avec un regard de femme, tandis que la mer robuste comme un homme se soulevait en longues houles puissantes qui s’attardaient, comme la poitrine de Samson dans son sommeil.
Hither, and thither, on high, glided the snow-white wings of small, unspeckled birds;	De lá, de cá, pelas alturas, deslizavam névas as asas de pequenos pássaros imaculados;	De-ci, de-là, très haut, voguaient les ailes blanches comme de la neige de petits oiseaux immaculés.	Ici et là, bien haut, glissaient les ailes de neige des petits oiseaux sans tache.
these were the gentle thoughts of the feminine air;	eram doces pensamentos da brisa feminina;	Ils semblaient être les douces pensées féminines du ciel,	C’étaient les suaves pensées de l’air féminin ;
but to and fro in the deeps, far down in the bottomless blue, rushed mighty leviathans, sword-fish, and sharks;	mas, de um lado, de outro, pelas profundezas de um azul sem fundo, corriam os gigantesco Leviatãs, os peixes-espada e os tubarões;	tandis que, rôdant au sein des profondeurs, très bas, sous l’insondable bleu, les puissants léviathans, les espadons et les requins, mêlaient leurs nages,	mais en tout sens dans l’abîme, bien loin dans l’insondable bleu, se ruiaient de redoutables léviathans, des espadons et des requins :

Original em inglês	Tradução em português - Cosac Naify	Tradução em francês - Gallimard	Tradução em francês – Benveniste
and these were the strong, troubled, murderous thinkings of the masculine sea.	e tais eram os pensamentos vigorosos, tensos e mortíferos do másculo oceano.	et ils étaient les pensées fortes, meurtrières et troubles de la mer virile .	c'étaient les pensées troublées, criminelles, de la mer virile .

Quadro 1 – Moby Dick e suas traduções

Fonte: Adaptado de Delas (2005, p. 71) e Melville (1993, p. 442; 2013, p. 562)

Quanto às escolhas do tradutor Benveniste (assinaladas em sublinhado no Quadro 1), contentamo-nos em citar o que diz a seu respeito Delas (2005, p. 71, grifos do autor, tradução nossa):

A tradução Gallimard dessa passagem de Melville, essencial à sua demonstração, é inadmissível para Benveniste em muitos aspectos. Vamos apenas apontar a tradução nebulosa de *firmaments* [firmamentos] por *espace* [espaço], depois de (*pensive*) [meditativa] ou (*feminine*) [feminina] *air* [ar/brisa] por *ciel* [céu] (enquanto o *air* [ar/brisa] é um elemento bachelardiano fundamental), sublinhar a metaforização poética (*voguaient, immaculés*) [deslizavam, imaculados] dos tradutores Gallimard para *the snow-white wings of small, unspeckled birds* [as asas brancas como a neve de pequenos pássaros imaculados] que Benveniste apresenta em sua forte simplicidade, o enfraquecimento de *rushed* [se apressavam] em *mêlaient leurs nages* [misturavam seus nados], e, enfim – por último, mas não menos importante! –, a recuperação de *masculine sea* [ másculo oceano] em *mer virile* [mar viril]<sup>15</sup>.

No entanto, o que chama a atenção aqui é menos as escolhas específicas feitas pelo tradutor Benveniste – em comparação com o que já havia sido estabelecido pelos tradutores franceses – e mais o fato de Benveniste ter, inicialmente, mantido uma parte da tradução publicada pela Gallimard e, em seguida, ter optado por fazer uma tradução própria. A que se deve essa atitude, essa oscilação do linguista? Por enquanto, conseguimos apenas vislumbrar uma resposta inicial possível: o falante.

<sup>15</sup>No original: “La traduction Gallimard de ce passage de Melville, essentiel à sa démonstration, est irrecevable pour Benveniste à bien des titres. Contentons-nous de signaler la traduction floue de *firmaments* par *espace*, puis de (*pensive*) ou (*feminine*) *air* par *ciel* (alors que l’air est un élément bachelardien fondamental), de souligner la métaphorisation poétisante (*voguaient, immaculés*) des traducteurs Gallimard pour *the snow-white wings of small, unspeckled birds* que Benveniste rend dans sa forte simplicité, de l’affaiblissement de *rushed* en *mêlaient leurs nages* et enfin, last but not least !, le redressement de *masculine sea* en *mer virile*.”

É como falante – que exerce, nesse caso, a função de tradutor – que Benveniste, de um lado, mantém uma tradução já feita e, de outro lado, opta por refazê-la. Isso fica mais bem compreendido com a noção de “comentário” – entendido aqui como a capacidade de o falante colocar no centro do seu dizer a sua experiência de falante –, no âmbito de uma antropologia da enunciação (cf. FLORES, 2019) aplicada à tradução.

Flores e Hoff (2017) já falaram sobre o tema, ao abordarem a questão do tempo como fator de opacidade na tradução. Dizem os autores:

[a] tradução é uma interpretação, mas ela não é um comentário explicativo, o que seria próprio a uma interpretação hermenêutica. Um comentário é, claramente, algo diferente daquilo que é objeto do comentário. [...] O comentário reúne notas que revelam hipóteses, pontos de vista, críticas etc. do comentador acerca de um texto. Nada disso se passa com a tradução. Para nós, o que faz da tradução um “caso limite” [...] não é o fato de ela *ser* um comentário, mas de ela *conter* um comentário que poderíamos chamar de descontínuo. Quer dizer: as decisões tomadas pelo tradutor constituem a tradução como se fossem um comentário interpretativo, mas, na verdade, elas são descontinuamente integradas ao texto alvo (FLORES; HOFF, 2017, p. 5-6, grifos dos autores).

E como opera o “comentário” na situação específica da atitude de Benveniste em “L’eau virile”? Certamente, a resposta exigiria maior articulação a uma teoria da linguagem – e insistimos no fato de ser “à teoria da linguagem” e não “à linguística” –, pois o fenômeno tradutório, para além de suas técnicas, é, para nós, fenômeno de linguagem, articulado ao campo dos estudos do *Homo loquens* (cf. FLORES, 2019). Por ora, podemos apenas dizer que é na condição de falante, experienciador do fenômeno tradutório, que o linguista aceita algumas relações entre signo e realidade na língua-fonte e sua *tradução* na língua-alvo, mas não aceita outras.

Seria por se tratar de um texto literário – embora não seja literário *stricto sensu*? Seria por haver uma “língua de Melville”, assim como haveria uma “língua de Baudelaire”? (cf. BENVENISTE, 2011). Se sim, quais os limites do que o homem pode fazer com a sua língua? De que natureza seriam esses limites?

### Considerações finais

Em termos de conclusão, gostaríamos de dizer algumas poucas

palavras acerca da tradução como fenômeno abrigado nos estudos de uma antropologia da enunciação, entendida aqui como o estudo que mostra como opera a *língua no homem*, ou seja, uma antropologia – no sentido amplo de “conhecimento do homem” e não em algum sentido específico ou aplicado a um domínio qualquer – que toma como objeto de estudo para si o fato de o homem ser falante *Homo loquens*.

Nesse sentido, a enunciação passa a ser entendida como uma *função* que caracteriza o *Homo loquens* e que identifica o caráter fundamentalmente verbal da condição humana. O ato de dizer algo, a enunciação, coloca em cena um saber sobre a natureza *loquens* do homem. Essa função constitui um objeto antropológico na justa medida em que dá a conhecer os efeitos da presença da *língua no homem*. A antropologia da enunciação visa, então, esse saber sobre o homem que advém de sua natureza de falante.

E como a situação, flagrada por Delas (2005) acerca da tradução de Melville, testemunha um dado da antropologia da enunciação?

É, antes de responder, necessário situar a tradução como um fenômeno que diz algo da natureza humana, uma vez que, de um lado, ela condensa a relação do homem com a sua língua e com a língua do outro; de outro lado, ela reserva um lugar de destaque – que concentra algo de possível e algo de impossível – para o que se poderia chamar de uma incompreensão natural, própria da interação humana.

Retomando os termos de “La traduction, la langue et l’intelligence”, podemos dizer que, se *traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua-fonte*, isso somente pode ser feito a partir do momento em que o falante produz estas ou aquelas *equivalências literais entre signos*, estas ou aquelas *equivalências globais*. Ou seja, é sempre uma situação em que o falante tematiza a sua posição de falante em um fenômeno em que ele é implicado na condição de falante (cf. FLORES, no prelo).

Assim, é justamente isso que observamos quando Benveniste decide modificar a tradução da Gallimard, ao apresentar a sua própria versão do trecho de *Moby Dick*: ele demonstra a sua percepção da relação entre as línguas – nesse caso, o inglês e o francês – e o mundo e, ao fazer isso, evidencia-se como falante, como *Homo loquens*, possibilitando a emergência de um saber antropológico.

---

## Referências

BADER, Françoise. Une anamnèse littéraire d’Émile Benveniste. **Incontri linguistici**, Pisa/Roma, n. 22, p. 11-55. 1999.

BARBOZA, Gabriela. **Entre designar e significar, o que há?** Em busca de uma semântica em Benveniste. 2018. 140 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. 4. ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Baudelaire**. Limoges: Malbert-Lucas, 2011.

\_\_\_\_\_. L’eau virile. In: BENVENISTE, Émile. **Langues, cultures, religions**. Organização de Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 167-169.

\_\_\_\_\_. La traduction, la langue et l’intelligence. In: FENOGLIO, Irène et al. **Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture**. Paris: Seuil, 2016. p. 37-44.

DELAS, Daniel. Saussure, Benveniste et la littérature. **Langages**, Paris, v. 3, n. 159, p. 56-73. 2005. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-langages-2005-3-page-56.htm>. Acesso em: 01 jul. 2020.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FENOGLIO, Irène. Traces. Langue. Écriture. In: FENOGLIO, Irène (org.) et al. **Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 11–34.

\_\_\_\_\_. Émile **Benveniste**: a gênese de um pensamento. Organização de Valdir do Nascimento Flores, Verónica Galindez e Heloisa Monteiro Rosário. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. **Saussure e a tradução**. Brasília: Editora UnB, [2020]. No prelo.

\_\_\_\_\_; HOFF, Sara Luiza. O tempo como fator de opacidade da tradução. **Translatio**: revista do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva,

---

Porto Alegre, n. 14, p. 2-23, dez. 2017.

HOFF, Sara Luiza. **A nota “La traduction, la langue et l’intelligence”**: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LAPLANTINE, Chloé; PINAULT; Georges-Jean. Introduction. In: BENVENISTE, Émile. **Langues, cultures, religions**. Organização de Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. XI-XLIII.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick or The Whale**. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 1993.

\_\_\_\_\_. **Moby Dick, ou, A baleia**. Tradução de Irene Hirsch e Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SALAMANDRE. Fonds Émile Benveniste, Paris, 2007. Disponível em: [https://salamandre.college-de-france.fr/archives-en-ligne/ead.html?id=FR075CDF\\_00CDF0028-1&c=FR075CDF\\_00CDF0028-1\\_e0000018](https://salamandre.college-de-france.fr/archives-en-ligne/ead.html?id=FR075CDF_00CDF0028-1&c=FR075CDF_00CDF0028-1_e0000018). Acesso em: 25 out. 2017.